

Quarta-feira, 21 de setembro de 1994

Rio de Janeiro

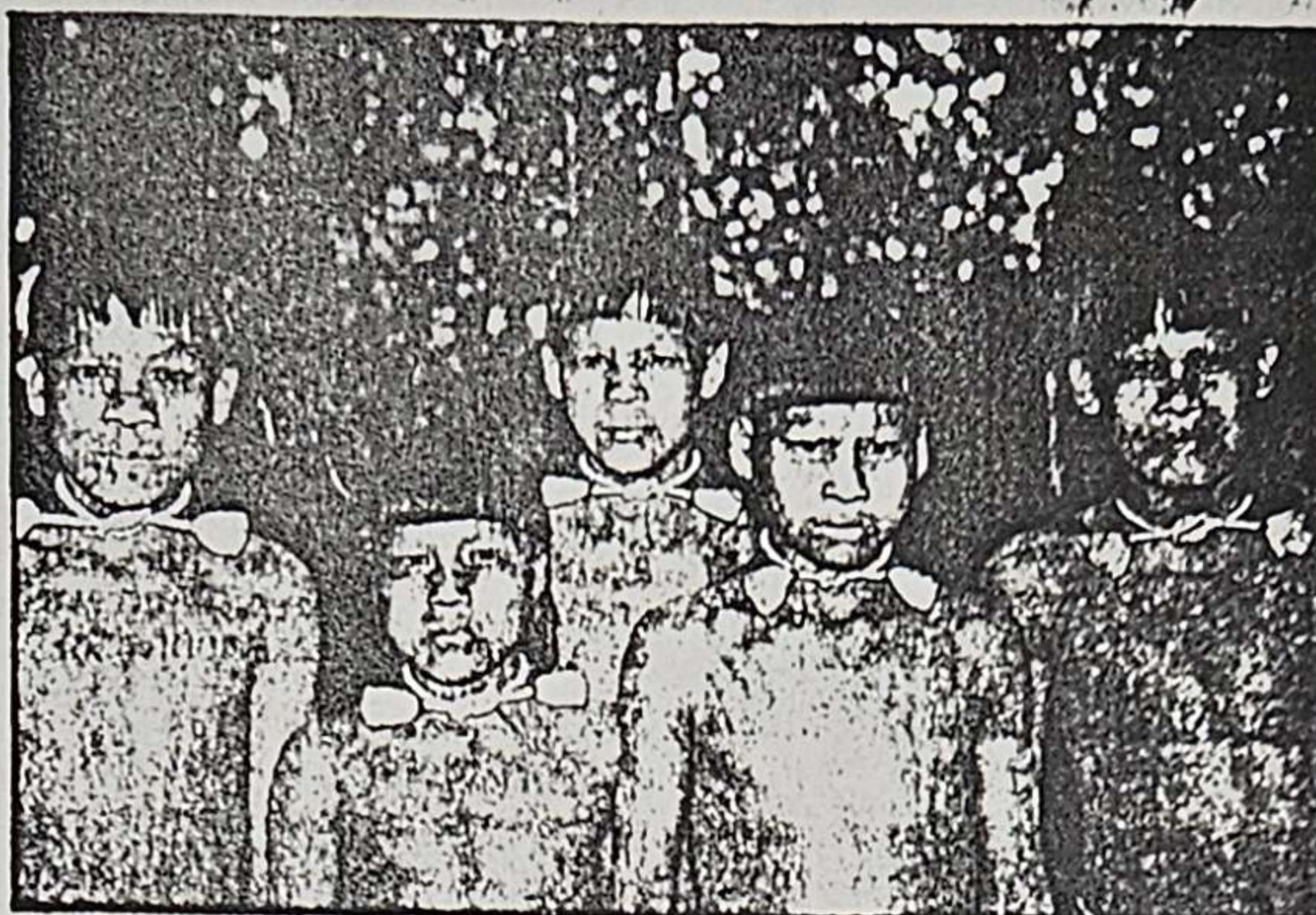
Videoclip selvagem no Circo

*Tribo xavante
grava 31 hinos
em CD e cassete*

ELISABETH ORSINI

Um videoclip mostrando a produção do primeiro disco profissional de música indígena — "Etenhiritipá" — será exibido hoje, a partir das 21h, no Circo Voador. Para prestigiar o evento, 11 vocalistas xavantes desembarcarão no circo que, na ocasião, estará vendendo o CD e a fita cassete por, respectivamente, R\$ 20 e R\$ 12.

Hospedados numa casa da rua Sérgio Porto, na Gávea, acompanhados de bananas maduras e laranjas suculentas, os índios contam que o CD foi gravado entre julho de 1992 e agosto de 1993 na aldeia Pimentel Barbosa, cravada na serra do Roncador, em Mato Grosso, que será a comunidade indígena beneficiada com a verba dos direitos autorais. Para os índios, a feitura do CD é a primeira tentativa material de tentar uma aproximação com o "homem branco".



Crianças da tribo Pimentel Barbosa também participam de "Etenhiritipá"

— Este disco somos nós, a nossa cultura, as nossas crenças — dizem em coro Severiá, Giri, Ruhnhamri e Cipassé e Tsupó.

Eles explicam que a palavra que dá título ao disco, etenhiritipá, significa "povo awe da serra do Roncador".

— Os índios não se conhecem como xavantes, esse é apenas um apelido que os brancos deram para a tribo awe, palavra

cujo significado é "a gente verdadeira" — explica Angela Maria Pappiani, produtora do disco.

O repertório de "Etenhiritipá" é composto por 31 cantos tradicionais da tribo como a caça, nascimento, morte e casamento. A produtora Angela Pappiani alternou cantos que os índios mais gostam com os capazes de mostrar a diversidade das várias cerimônias. Por isso o disco abre

com um canto de chamada para uma caça ritual — praticada apenas uma vez por ano — enquanto a última faixa fica por conta do canto de 60 crianças xavantes.

Para a gravação — sempre feita durante a noite ou de madrugada para afugentar o barulho dos ventos — a equipe de produção levou um gravador de rolo de oito canais (gravadores mais sofisticados não puderam ser usados por falta de energia elétrica) e uma mesa de estúdio de 16 canais para captar sons como batida do pé ou chocalho.

O disco é uma produção independente e será distribuído pela Warner através do selo Quilombo, de Milton Nascimento e a faixa escolhida pela comunidade para a gravação intitula-se "Wanãridôbê" — palavra que identifica a cerimônia de furação de orelha dos menino.

Das 28 ocas da aldeia, cada uma com seu aparelho de som, ecoam dia e noite os sons comuns (para os ouvidos dos brancos, é claro) vindos de "Etenhiritipá". Os índios estão excitadíssimos. Na serra do Roncador não se fala em outra coisa.

ESTADO DE MINAS

Domingo, 18 de setembro de 1994

SEGUNDA SEÇÃO

Xavantes gravam sua música em CD

O CD "Etenhiritipá" traz para o público um projeto inédito: músicas dos índios de Pimentel Barbosa, aldeia matriz dos Xavantes do Rio das Mortes, Mato Grosso, o primeiro trabalho profissional, com direito a clip, realizado a partir da vontade e com acompanhamento, com o desejo de ser uma afirmação da força da arte, cultura e tradição dos povos indígenas. O disco, que sai pelo selo Quilombo e vai ser distribuído pela Warner Music, foi lançado sexta-feira no Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

A obra reúne 31 faixas, cantos tradicionais entregues pelos ancestrais aos guerreiros em sonhos e depois incorporados a cerimônias e festas, que foram selecionados para gravação com o objetivo de revelar a sua riqueza e diversidade cultu-

ral, apresentados por mulheres, crianças, adolescentes, guerreiros. O projeto é do Núcleo de Cultura Indígena, criado em 84, um grupo dedicado à arte e ao conhecimento dos indígenas, que assessorou Milton Nascimento na gravação de álbum "Txai".

A produtora do disco, Angela Maria Pappiani, explica que a característica desta obra é a ser a primeira não feita por critério de pesquisas científicas e sim com o desejo de apresentar a arte e cultura dos Xavantes. "É uma obra que traz um sentimento de força espiritual muito grande, um trabalho feito com coração e alma. O disco tem esta força que surge da beleza, da tradição, da verdade e da vontade das pessoas que o fizeram de comunicar coisas para quem está ouvindo

estas músicas".

"Às vezes tínhamos toda aldeia, 600 pessoas, reunida, com muita força e energia e este sentimento passou para o disco", explica Pappiani. Ela lembra que a discografia ligada à produção musical das comunidades indígenas é reduzidíssima (apenas mais dois discos), realizada em condições precárias, o que condena as obras a uma pequena circulação. "É desinteresse pela cultura dos povos indígenas" que, na opinião da produtora, sofre com duas posturas igualmente problemáticas: o preconceito e a idealização.

O Núcleo de Cultura Indígena tem proposta de realizar outras obras. Já tem inclusive material gravado dos Tucanos, do Alto do Rio Negro (Amazonas).